

## Arquitetura Moderna em Campinas: o Edifício Itatiaia

### Roberto Silva Leme

Mestrando pelo Programa de Mestrado em Urbanismo do Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Avenida Júlio de Mesquita, 983, apto 71, CEP 13025-061, Cambuí, Campinas, (19) 3252-8435, projeto@robertoleme.com

### Ivone Salgado

Arquiteta e urbanista, professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Curso de Mestrado em Urbanismo, Rodovia D. Pedro I, Km 136, Jd Santa Cândida, CEP 13020-904, Campinas, SP, (19) 3756-7077, salgadoivone@uol.com.br

### Resumo

O artigo trata dos edifícios de habitação coletiva em Campinas do período em que a linguagem da arquitetura tem como característica aquela da Arquitetura Moderna. Na análise desta produção procura-se destacar a sua contextualização em relação à legislação urbana da cidade e o papel da obra de Oscar Niemeyer na cidade, o edifício Itatiaia. Para além de uma intenção de apresentarem-se como modernas, as outras experiências do período revelam mais o ideal a perseguir do que a verdadeira condição de moderno que só o exemplar de Oscar Niemeyer alcançará. O artigo desvenda a singularidade deste edifício neste contexto inserindo-o na história da arquitetura brasileira.

*Palavras-chave:* arquitetura moderna, arquitetura brasileira, habitação coletiva.

### Introdução

O primeiro edifício exclusivamente residencial de Campinas, concebido conforme os princípios da arquitetura moderna, incluindo os Cinco Pontos da Nova Arquitetura<sup>1</sup>, foi o Edifício Itatiaia. Ele foi construído logo após a promulgação da Lei nº 640 de 1951, que pela primeira vez instituiu zonas exclusivamente residenciais em Campinas. Primeiro edifício exclusivamente residencial fora do centro da cidade, o Edifício Itatiaia foi construído sobre um terreno de 1.569,80m<sup>2</sup> situado na Avenida Irmã Serafina defronte a Praça Carlos Gomes. Protocolado na Prefeitura Municipal de Campinas no dia 02 de dezembro de 1952, sob nº 25602, constitui-se na única obra de Oscar Niemeyer, com registro oficial, na cidade de Campinas (figura 1).

<sup>1</sup> Os Cinco Pontos da Nova Arquitetura foram publicados originalmente em 1926 por Le Corbusier na revista francesa L'Espirit Nouveau. São eles: 1- os pilotis – que elevam a massa acima do solo, 2- planta livre, obtida mediante a separação entre as colunas estruturais e as paredes que subdividem o espaço, 3- a fachada livre, o corolário da planta livre no plano vertical, 4- a janela longa corredeira horizontal ou “fenêtre en longueur” e finalmente 5- o jardim de cobertura que supostamente recriava o terreno, coberto pela construção do edifício”. (Frampton, 1997: 188).

Implantado no lote respeitando recuos frontal, laterais e de fundo, elevado acima do térreo por pilotis em “V” regularmente distribuídos e não apresentando subsolo, o Edifício Itatiaia é, juntamente com outros 23 edifícios residenciais semelhantes, representante da arquitetura moderna na cidade quando nos referimos à edifícios verticais de habitação coletiva. Completam a caracterização destes edifícios o térreo contínuo (no mesmo nível do passeio público) e a presença da laje de transição do teto do pavimento térreo que irá permitir a transmissão dos esforços conduzidos pelos pilares dos pavimentos tipo aos pilares regularmente distribuídos do pavimento térreo – os pilotis.

Portanto, em Campinas, entre 1952 e 1965, foram construídos 23 edifícios habitacionais verticais que



**Figura 1:** Documento com “carimbo” do projeto de prefeitura do Edifício Itatiaia onde consta a assinatura do arquiteto Oscar Niemeyer Soares Filho. Fonte: Acervo Arquivo Municipal de Campinas.

apresentam características singulares da arquitetura moderna: não possuem subsolo e não tocam as divisas do lote.

Eles compõem este número fixo de exemplares porque começam com o Edifício Itatiaia (1952) e desaparecem em 1965 quando se estabelece o uso do subsolo, eliminando a presença do “térreo contínuo” – o pavimento térreo quando se eleva para receber o subsolo desconecta-se do passeio público. Todavia, o Edifício Itatiaia de Oscar Niemeyer distingue-se neste conjunto.

Torna-se importante, então, situar as condições da legislação urbanística de Campinas nas quais estes edifícios foram produzidos para posteriormente focarmos as particularidades da produção do Edifício Itatiaia neste contexto.

### **A legislação urbanística de Campinas e a produção dos edifícios verticais residenciais**

A verticalização nas cidades brasileiras já foi objeto de estudo de muitos autores e com abordagens distintas. A construção em altura, apesar de produzir, de modo geral uma morfologia urbana semelhante nas várias cidades onde ocorre, não determina a perda do caráter único de cada uma, já que este fenômeno se dá sempre sob a ação de fatores locais – geográficos, sociais, culturais e históricos – muito particulares cujo arranjo é único para cada caso.

A verticalização em Campinas tem suas origens na primeira década do século XX com a publicação da Lei nº 163 de 1912, pelo segundo prefeito de Campinas, Heitor Teixeira Penteado, que instituiu tanto isenção de impostos por cinco anos para construções novas, como exige altura mínima de dois pavimentos para edificações na região central.

Exigências por alturas maiores também estarão presentes no Decreto nº 76 de 16 de março de 1934 – Código de Construções.<sup>2</sup>

É sob a vigência do Código de Construções de 1934 que seria construído o primeiro edifício habitacional vertical de Campinas, o Edifício Santana (1935), com térreo e seis andares de escritórios. Ele surge da conversão dos quatro últimos pavimentos de um

edifício de escritórios de seis pavimentos (1941). Até o ano de 1951, quando é aprovada a Lei nº 640 que instituiu a revisão do Ato nº 118 de 1938 são construídos dezesseis edifícios habitacionais em um total de quarenta e uma construções.

A Lei nº 640 de 1951, promulgada pelo prefeito Miguel Vicente Cury, altera profundamente a morfologia do centro de Campinas, em razão do seu caráter transitório.<sup>3</sup>

As medidas previstas no artigo anterior (artigo 8º) só irão se concretizar no ano de 1959, através da Lei nº 1993 promulgada pelo prefeito Ruy Hellmeister Novaes e que instituiu o novo Código de Obras de Urbanismo.

A Lei nº 640 de 1951 estabeleceu normas provisórias de zoneamento comercial e implantou pela primeira vez as zonas residenciais coletivas. Mantendo a tendência para a verticalização, esta lei estabelece altura mínima de seis pavimentos (22 metros) para edifícios na zona central, enquanto na legislação anterior (Ato nº 118 – 1938) esta era a altura máxima para os edifícios construídos na mesma região central. As zonas residenciais coletivas estabelecidas na Avenida Anchieta e parte do Cambuí também deveriam respeitar o limite mínimo de seis pavimentos e os andares acima desta altura deveriam apresentar recuos laterais e de frente de dois metros e meio e quatro metros respectivamente.

*“Entretanto, os recuos adicionais exigidos pela lei, não foram empecilhos suficientes para restringir a altura dos edifícios em seis pavimentos. Tais normas enfraquecidas pelo caráter provisório, mencionado no próprio texto da lei, e pelas discussões do novo Código de Obras e Urbanismo, não resistiram ao confronto com a iniciativa privada que, a partir da segunda metade da década de 1950, promoveria, com ímpeto até então desconhecido, intensa ocupação vertical da área central”.*<sup>4</sup>

A Lei nº 640 de 1951 que se mostra ineficaz na contenção da verticalização na zona central, também permite, pela sua indefinição com relação à implantação de loteamentos, que a cidade chegue à saturação com relação a oferta de lotes, como se vê pela tabela seguinte:

<sup>2</sup> Na “separata” deste Código de Posturas Municipais, por exemplo, fica determinado: “Artigo 343º - Nenhum prédio poderá ser construído, reconstruído ou reformado sem ter no mínimo dois pavimentos nas ruas e praças abaixo especificadas... Parágrafo único – nos prédios existentes, em desacordo com este artigo, só serão permitidas reformas parciais, quando não vierem estas contribuir para aumentar a duração natural do edifício”.

<sup>3</sup> Expresso no próprio texto: “Artigo 8º - A Prefeitura providenciara, por meio de leis especiais, o zoneamento sistemático e gradual da cidade e dos distritos. Artigo 9º - Enquanto não se concretizarem as medidas previstas no artigo anterior ficam constituídas as seguintes zonas...”.

<sup>4</sup> BADARÓ, Ricardo de Souza Campos. Campinas: o despertar da modernidade. Campinas: Unicamp, 1996, p. 121.

Total de loteamentos aprovados	
Década	Nº de loteamentos
1920	24
1930	42
1940	81
1950	322
1960	66
1970	70
1980	121
1990	60

Fonte: Prefeitura Municipal de Campinas. Seplan, Decon, Campinas.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> BERNARDO, Rosana Guimarães. Histórico da Ocupação do Solo no Município de Campinas dissertação de mestrado, FAU USP, 2002, p. 64.

<sup>6</sup> DEZAN, Waldir Vilalva. A implantação de uma modernidade: verticalização no centro de Campinas. Campinas: dissertação de mestrado. Unicamp, 2007, 85.

<sup>7</sup> Conforme o Código de Construções de 1934: "Artigo 134º - Nas vias públicas situadas na zona central são proibidas construções recuadas do alinhamento, salvo casos muito especiais, a julgo da Prefeitura".

<sup>8</sup> LAMAS, José M. Ressano Garcia. Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, p. 95.

Concentrada nos três primeiros anos da década de 1950, a produção de loteamentos arrefece nos anos seguintes em função da legislação que passa a exigir maiores porcentagens de áreas livres e também atribui ao empreendedor a responsabilidade pela execução das obras de infra-estrutura. Com isso os recursos, até então destinados aos loteamentos, são direcionados para a construção civil, principalmente os edifícios da região central da cidade.

Os dados do quadro abaixo nos permitem fazer duas observações:

1. No início da verticalização em Campinas, os edifícios de habitação coletiva são numericamente inferiores aos edifícios comerciais. Ganham vantagem na década de 50, para perdê-la

progressiva e definitivamente a partir da década de 70.

2. Os edifícios comerciais também tiveram sua ocorrência reduzida, resultado da redução da demanda pela área central em favor das regiões adjacentes.

Os novos vetores de crescimento foram induzidos inicialmente pela Lei nº 640 de 1951 em caráter provisório e depois detalhados em definitivo pelo novo Código de Obras e Urbanismo do Município de Campinas, instituído pela Lei nº 1993 no ano de 1959, na gestão de Ruy Novaes.

Os primeiros edifícios de habitação coletiva surgem na área central com implantação nos moldes da cidade tradicional, não apresentando recuos frontais nem afastamentos laterais, apenas expondo sua fachada.<sup>7</sup>

*"Na cidade tradicional, a relação do edifício com o espaço urbano vai processar-se pela fachada. Confinado entre duas empenas, cada edifício dispõe apenas da fachada para comunicação com o espaço urbano".<sup>8</sup>*

A produção continuada dos edifícios na região central faz com que se tenham lado a lado edifícios de décadas diferentes de maneira que os primeiros são ecléticos os seguintes art déco e os mais recentes apresentam algum traço moderno, com janelas corridas ou pilotis comprimidos entre o passeio

Quadro geral de edifícios por década na zona central da cidade				
Período	Comercial	Misto	Residencial	Total
1935/1944	6	1	2	9
1945/1954	15	3	19	37
1955/1964	12	4	38	54
1965/1974	7	-	8	15
1975/1984	9	-	7	16
1985/1994	4	-	-	4
	58(41%)	8(6%)	74(53%)	140

Fonte: Waldir Vilalva Dezan.<sup>7</sup>

e o próprio prédio, sobre um recuo inexistente. O resultado é a perda daquela fachada contínua, uniforme e bidimensional que funcionava, em relação às praças como um cenário aplicado sobre um plano, que agora dá lugar a um conjunto arquitetônico aleatório, sem unidade devido às alturas variáveis, apenas revelando as várias épocas em que foram produzidos tais edifícios (figura 2).

## O Edifício Itatiaia e os cinco pontos da arquitetura

A reconstituição dos inícios do Edifício Itatiaia foi possível graças ao depoimento pessoal do engenheiro Noyr Melchior Rodrigues<sup>9</sup> que, recém formado engenheiro civil pela Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie na época, participou da história do edifício desde seus primeiros momentos.

Conforme seu relato, a idéia da construção do Edifício Itatiaia partiu de Ruy Hellmeister Novaes, futuro prefeito de Campinas em duas gestões e de Ralphe Ribeiro, dono de uma loja de automóveis, na Rua Barão de Jaguará, onde hoje se encontra o Edifício Tonico Ribeiro.

Dentre os amigos de Ralphe e Ruy estava Fabio Maya, campineiro exportador de café e pai do arquiteto José Carlos Maya, que mantinha escritório na Avenida Angélica em São Paulo.

A pedido de Fabio Maya, Ralphe Ribeiro e Ruy Novaes convidam José Carlos Maya para o primeiro estudo do Edifício Itatiaia. Este estudo foi realmente desenvolvido no ano de 1951 (figura 3), mas por outro arquiteto chamado Charles Victor que, francês e sem a devida licença profissional, estava impedido de exercer legalmente a profissão. O edifício concebido por Charles Victor era um bloco de 15 pavimentos apoiado sobre pilotis, e contando com um mezanino.

A fachada se apresentava como uma grelha e as esquadrias, todas iguais e recuadas configuravam nichos. Alguns contornos e marquises curvos completavam o conjunto do projeto e uma piscina de forma orgânica ocupava o recuo frontal.

Consta que o arquiteto Charles Victor, radicado em Campinas, era grande admirador de Oscar Niemeyer<sup>10</sup>, o que pode ser notado nos dois prédios projetados por ele ao lado do Edifício Itatiaia: o

<sup>9</sup> As entrevistas com o engenheiro Noyr Rodrigues se deram nos dias 24/09/2008; 06/10/2008 e 23/12/2008, em seu escritório, em Campinas. O engenheiro Noyr também possui em seu acervo pessoal desenhos referentes ao Edifício Itatiaia, ao Clube Semanal de Cultura Artística e ao Edifício Roque de Marco.

<sup>10</sup> Conforme relato do engenheiro Noyr Rodrigues.

**Figura 2:** Rua Conceição, antiga Rua Formosa. Convivência lado a lado de edifícios de épocas diferentes. Fonte: Foto do autor, 2008.





**Figura 3:** Anteprojeto do Edifício Itatiaia, do arquiteto Charles Victor – 1951. Fonte: Acervo pessoal Roberto Silva Leme.

<sup>11</sup> Conforme se verifica nas pranchas do projeto estrutural do Itatiaia que se encontram arquivadas no AMC (Arquivo Municipal de Campinas), protocolo da PMC (Prefeitura Municipal de Campinas) nº 25602 de 02 de dezembro de 1952.

<sup>12</sup> VASCONCELOS, Augusto Carlos de. O concreto no Brasil. São Paulo: Copiare, 1985, p. 95.

<sup>13</sup> O Edifício Itatiaia foi protocolado na Prefeitura Municipal de Campinas sob nº 25602 em 2/12/1952. O habite-se foi emitido em 11/02/1957 e atribuído ao prédio o número 919.

Clube Semanal de Cultura Artística e o Edifício Roque de Marco.

Abandonado o projeto de Charles Victor, em 1951, Oscar Niemeyer, vindo de São Paulo, chega a Campinas para conhecer o terreno sobre o qual fará o projeto definitivo do Edifício Itatiaia.

Noyr Rodrigues nos relata que, concluído o estudo preliminar do edifício, Oscar Niemeyer impôs o nome do calculista de sua escolha para desenvolver o projeto estrutural.

Werner Müller foi o engenheiro designado por Niemeyer para desenvolver o cálculo estrutural do Edifício Itatiaia, o que ocorre no ano de 1952 <sup>11</sup>. Após este trabalho com Niemeyer, Müller ainda desenvolveria outros trabalhos com o mestre como

o Edifício Sede do Banco Mineiro da Produção em Belo Horizonte de 1953 e o Supremo Tribunal Federal em Brasília de 1960.<sup>12</sup>

Na época em que o Edifício Itatiaia foi protocolado<sup>13</sup> a Prefeitura Municipal de Campinas tinha por norma exigir do interessado em construir, tanto o projeto arquitetônico como o estrutural. Entretanto, na pasta do Edifício Itatiaia encontra-se o cálculo estrutural em duas partes. Uma delas de autoria do engenheiro Yasuo Yamamoto e outra parte com carimbo da Comercial Construtora Ribeiro Novaes.

Presume-se que o engenheiro Yasuo Yamamoto tenha sido indicado pela construtora e que Niemeyer tenha recusado esta indicação em favor do amigo Werner Müller.

<sup>14</sup> "Werner Müller havia sido desenhista do escritório de Baumgart. Estudou engenharia tardiamente tornando-se um especialista com grande experiência" (Vasconcelos 1985: 94).

<sup>15</sup> VASCONCELOS, Augusto Carlos de. Emílio Henrique Baumgart. São Paulo: Otto Baumgart Indústria e Comércio S.A., 2005, p.29.

<sup>16</sup> VALLE, Marco Antonio Alves do. "Desenvolvimento da Forma e procedimentos de projeto na arquitetura de Oscar Niemeyer (1935-1998)". São Paulo: tese de doutorado. USP, 2000, p.130.

**Figura 4:** Implantação do Edifício Itatiaia – Niemeyer usa recuo maior para a Rua Coronel Rodovalho, corrigindo o fato desta via ter largura menos de 10 metros e deixa recuo menor na frente para a Praça Carlos Gomes. Fonte: Desenho do autor.

Müller já havia trabalhado com o grande calculista de estruturas Emílio Baumgart<sup>14</sup>, que acompanhou Oscar Niemeyer em suas primeiras obras, por exemplo o Ministério da Educação e Saúde de 1936<sup>15</sup> e a Obra do Berço de 1937<sup>16</sup>.

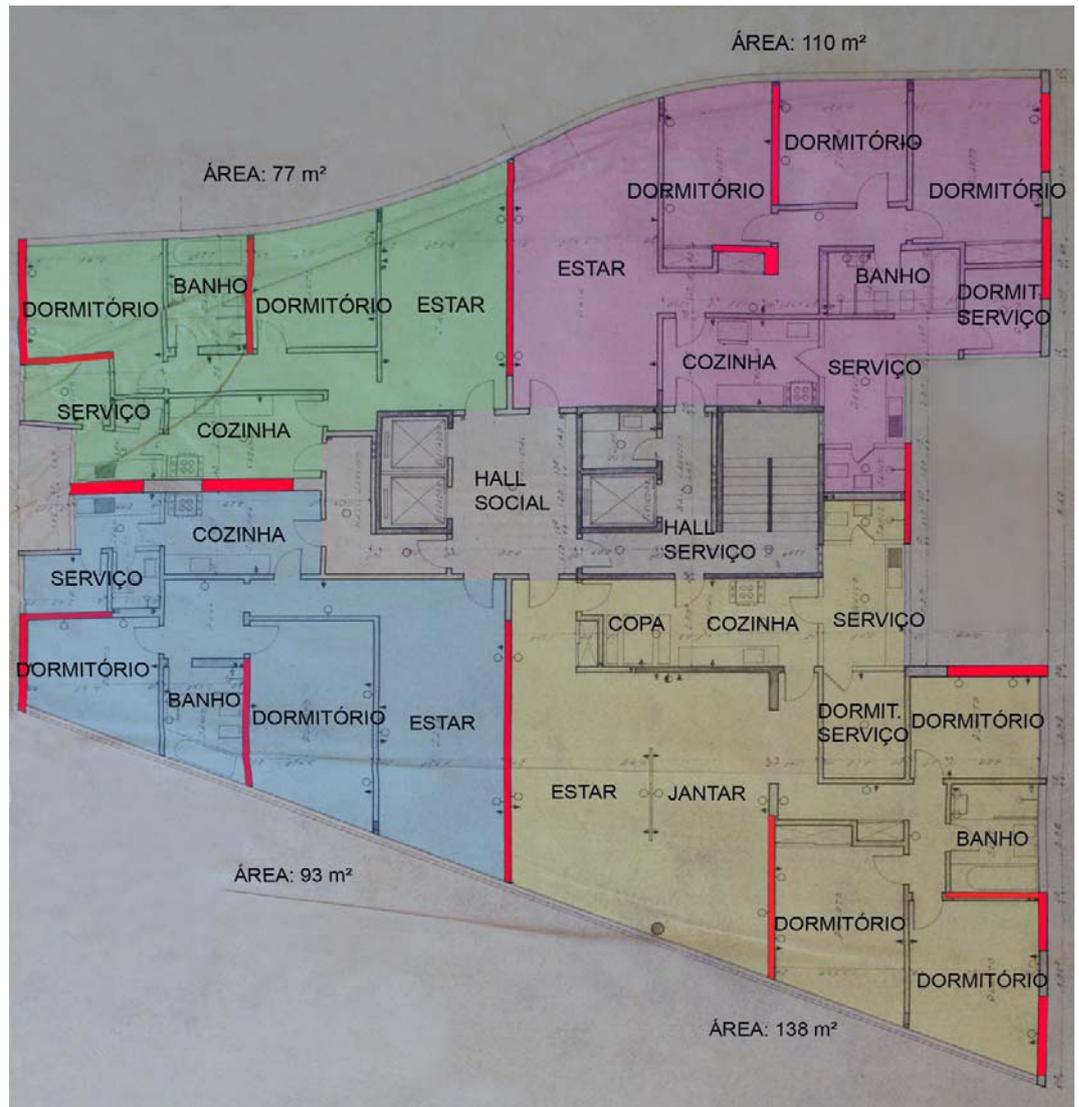
No início de 1950, Oscar Niemeyer desenvolvia vários projetos no Estado de São Paulo como o Clube dos 500 (Guaratinguetá), a fábrica Duchon (1950) e o Parque do Ibirapuera, construído para as comemorações do 4º Centenário de São Paulo (1954). Entretanto foi a solicitação de seus serviços pelo Banco Nacional Imobiliário (BNI) que fez com que Niemeyer tomasse a decisão de abrir um escritório em São Paulo.<sup>17</sup> Sob a coordenação do arquiteto Carlos Lemos, que na época trabalhava no BNI, Niemeyer abre o novo escritório em São Paulo (1951) e é neste local que foi desenvolvido o projeto do Itatiaia, com estudo preliminar produzido no Rio de Janeiro, como foram os outros estudos desenvolvidos para São Paulo. O engenheiro Noyr Rodrigues faz referência ao arquiteto Carlos Lemos e a algumas visitas que ele fez a Campinas.

Implantado sobre terreno de 1.569,80 m<sup>2</sup>, o Edifício Itatiaia tem 11.153,42 m<sup>2</sup> de área construída distribuídos por quinze pavimentos além do térreo. A frente do edifício - com recuo de 8 metros para a Avenida Irmã Serafina - volta-se para a Praça Carlos Gomes e a parte posterior - com recuo maior, de 15 metros - para a estreita rua Coronel Rodovalho. Com recuo menor e fachada plana na frente e recuo maior (quase o dobro) e fachada curva para os fundos Niemeyer procura equilibrar em importância as duas faces do Itatiaia.

A torre é afastada de todas as divisas com pilares em "V" fechado, iguais (apesar de receberem cargas diferentes), dispõem-se paralelamente e apresentam seção laminar com as extremidades semicirculares.

O térreo livre conta apenas com o hall social e de serviço, elevadores, escada, cabine transformadora e pequeno depósito.





**Figura 5:** Planta do andar tipo, com destaque colorido, feito por nós, para cada um dos apartamentos. Em vermelho os pilares embutidos nas paredes. Fonte: Acervo pessoal Roberto Silva Leme.

17 LEAL, Daniela Viana. Oscar Niemeyer e o mercado imobiliário de São Paulo na década de 1950: O escritório satélite sob direção do arquiteto Carlos Lemos e os edifícios encomendados pelo Banco Nacional Imobiliário. Campinas: dissertação de mestrado. Unicamp, 2003, p. 51.

Cada um dos quinze pavimentos tipo do edifício conta com quatro apartamentos com áreas privativas diferentes. Os dois maiores contam com acessos social e de serviço independentes.

É interessante observar a liberdade e a engenhosidade com que Oscar Niemeyer articula os quatro apartamentos diferentes em torno de um núcleo de circulação vertical compacto e bem resolvido.

O apartamento maior (abaixo, à direita) conta com um único segmento de parede dividindo parcialmente

o ambiente de estar do jantar, criando alternativas de circulação de um espaço para o outro.

O projeto original apresentado para aprovação na Prefeitura Municipal de Campinas apresentava um terraço em cada apartamento, detalhe que durante a execução da obra foi abandonado.

Com o desaparecimento dos quatro terraços, a fachada apresenta solução única tanto na frente como na parte posterior do edifício – são três faixas de vidro, em três alturas diferentes conforme as figuras 6, 12 e 13.

18 BOESIGER, W. e GIRSBERGER, H. Le Corbusier 1910-1965. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A., 1971, p. 144.

19 BRUAND, Yves. "Arquitetura contemporânea no Brasil". São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 153.

20 Para uma visão geral da evolução dos pilares desenvolvidos por Niemeyer ver Valle, 200: 235, 237, 262.

21 BRUAND, Yves. Op. cit. p. 155.

22 Construído na Avenida Júlio de Mesquita, esquina com a Rua General Osório (em frente ao Centro de Convivência Cultural) em Campinas o Edifício Acapulco foi projetado pelo engenheiro Olquidio Bardney Lopez, protocolado na Prefeitura Municipal de Campinas em 13/03/1960, recebendo o certificado de habite-se em 02/08/1962.

**Figura 6:** Corte pela fachada – mostrando a divisão do pé direito em três alturas. Observar detalhe do brise-soleil que são instalados nas faces anterior e posterior do edifício. Fonte: Acervo pessoal Roberto Silva Leme.

Assim tanto ambientes de estar, dormitórios e banheiros têm a mesma solução de fachada, e a questão da privacidade é resolvida internamente pelo morador.

A estrutura do Edifício Itatiaia, desenvolvida por Werner Müller, é única em Campinas, e explica a imposição por parte de Niemeyer de um calculista de seu círculo profissional.

Trata-se de lajes tipo caixão-perdido em todos os 15 pavimentos.

A laje de piso do primeiro pavimento (cobertura do térreo) é mais alta que as outras (45cm) e trabalha como uma laje de transição conduzindo as cargas dos pavimentos superiores para os pilotis em "V" do térreo. A idéia da laje de transição foi inicialmente desenvolvida por Le Corbusier na sua primeira Unidade Habitacional (Marselha 1947-1952). Neste projeto, esta laje com dimensões de 135 metros de comprimento por 24 metros (chamada "piso artificial") recebe as cargas dos pavimentos superiores e as transferem para os pilotis do térreo.<sup>18</sup>

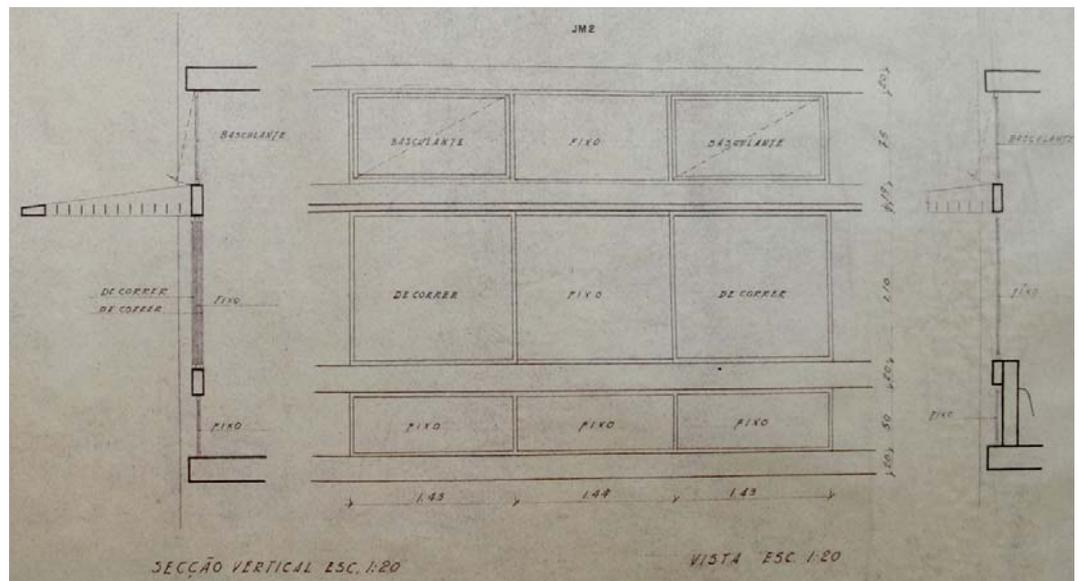
O recurso da laje de transição também é utilizado por Oscar Niemeyer nos blocos de apartamentos das superquadras em Brasília. Ele explica:

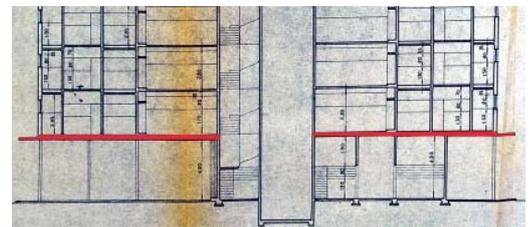
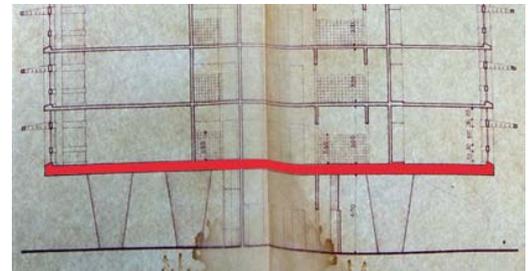
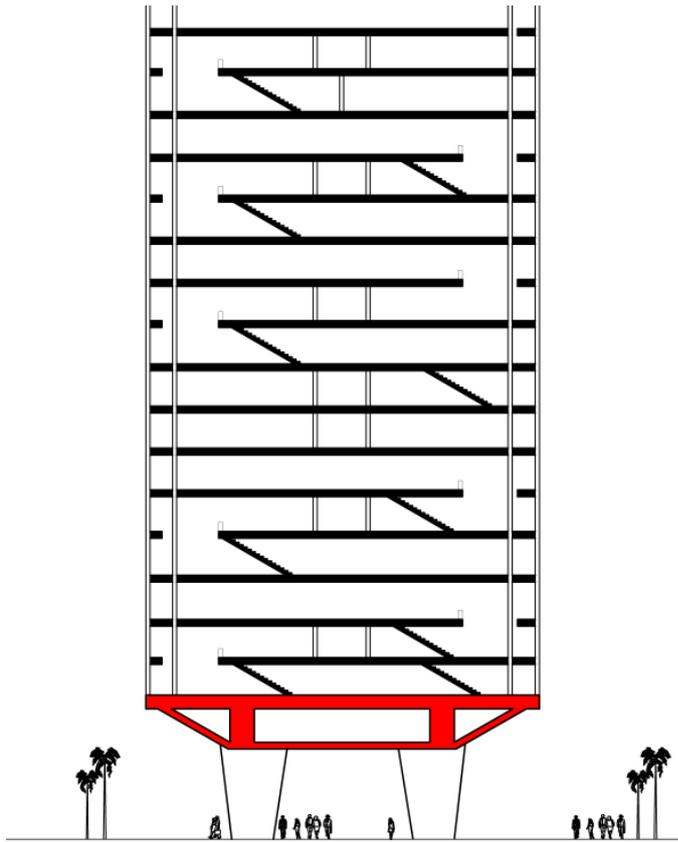
*"Todo o problema estava na transição entre pilotis e colunas dos andares normais; essas não podiam estar muito afastadas umas das outras, pois era preciso escondê-las nas paredes a fim de evitar que ocupassem muito espaço...; no térreo por outro lado, era interessante aproveitar um espaço contínuo e conseqüentemente, reduzir o número de pontos de apoio para permitir melhor utilização da superfície coberta que era criada dessa forma".*<sup>19</sup>

Com esse raciocínio Niemeyer começa a desenvolver seus estudos com pilares em "V" fechado<sup>20</sup>, como é o caso do Itatiaia até os pilares em "W" do Conjunto Residencial Governador Kubitschek.<sup>21</sup>

As figuras 7, 8, 9, 10 e 11 mostram três momentos em que são utilizadas as lajes de transição (indicadas em vermelho).

O Edifício Acapulco<sup>22</sup> faz parte do grupo dos 23 edifícios habitacionais modernos (mesmo grupo do Edifício Itatiaia), mas apresenta como laje de transição uma laje nervurada invertida diferente da laje tipo "caixão perdido" que Niemeyer utiliza no Edifício Itatiaia. Após a "desforma" da laje caixão perdido já se configura como uma placa, lisa, em todos os andares. Não há vigas.

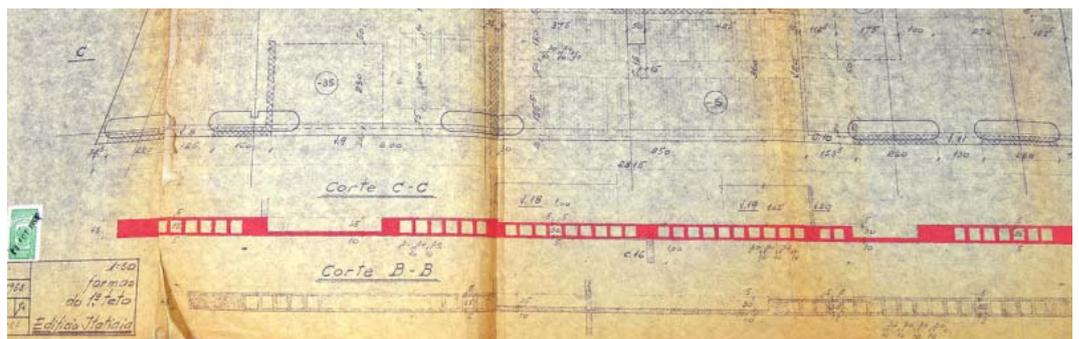




**Figura 7:** Unidade Habitacional de Marselha, Le Corbusier. Solo artificial, em destaque. Fonte: Desenho do autor.

**Figura 8:** Edifício Itatiaia em corte – laje de transição – caixão perdido, 1947-52. Fonte: Arquivo Municipal de Campinas.

**Figura 9:** Edifício Acapulco em corte – laje de transição – nervurada invertida. Fonte: Arquivo Municipal de Campinas.



**Figura 10:** Edifício Itatiaia – laje de transição – caixão perdido, em detalhe. Fonte: Arquivo Municipal de Campinas.

**Figura 11:** Edifício Acapulco – laje de transição nervurada invertida – destaque em vermelho do autor. Fonte: Arquivo Municipal de Campinas.

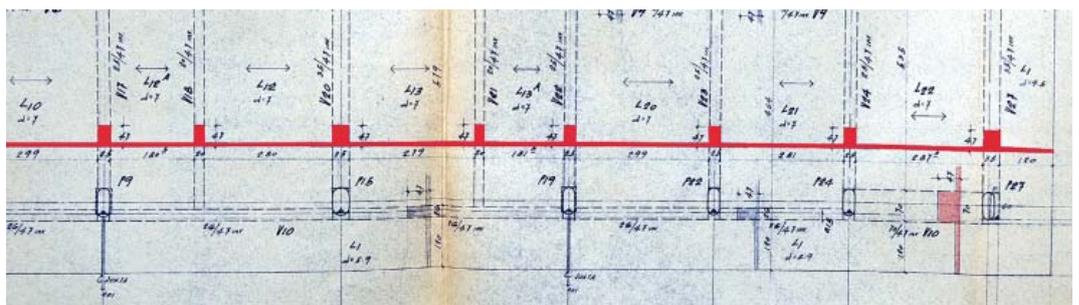




Figura12: Fachada posterior do Edifício Itatiaia. Fonte: Foto do autor, 2008.



Figura13: Apartamento no 5º andar do Itatiaia. Fonte: Foto do autor, 2008.



Figura 14: Avenida Irmã Serafina, vista do 5º andar do Edifício Itatiaia. Fonte: Foto do autor, 2008.



Figura 15: Edifício Itatiaia, visto do Jardim Carlos Gomes. Fonte: Foto do autor, 2008.



**Figura 16:** Primeiro anúncio do Correio Popular de 23 de novembro de 1952, com as quatro plantas do andar tipo. Fonte: Microfilme – Arquivo Correio Popular – RAC.

**Figura 17:** Edifício Itatiaia em construção – 1954. Observar lajes tipo caixão perdido, sem vigas de bordo. Fonte: Coleção MIS 1323 – Acervo Museu da Imagem e do Som de Campinas.

A laje nervurada só é utilizada no piso do primeiro andar do Edifício Acapulco. Os outros andares têm lajes convencionais, incluindo vigas, que não fazem parte da linguagem moderna.

O Edifício Itatiaia foi lançado à venda em 23 de novembro de 1952 (domingo) através do Correio Popular (fig.16), como sendo “o primeiro projeto de Oscar Niemeyer para uma cidade do interior paulista”. No domingo seguinte o mesmo anúncio é veiculado no Correio Popular, mas desta vez com o nome dos vinte e um primeiros compradores. Estava ali representada parte da elite campineira.

## Conclusão

O primeiro edifício exclusivamente habitacional

da região central de Campinas, o Edifício Itatiaia, permanece sozinho como edifício vertical destinado ao uso habitacional até a década de 1960 quando se inicia a produção de uma série dos outros edifícios que se pretendem modernos, fase esta que deve durar até 1965. Todavia, a análise do projeto estrutural dos diversos edifícios permitiu-nos verificar que somente o Edifício Itatiaia seria construído sob as novas exigências e princípios da arquitetura moderna sendo os demais edifícios construídos ainda segundo as técnicas tradicionais embora o resultado plástico lhes façam assemelhar à linguagem do modernismo. Neste sentido, o Edifício Itatiaia é o único edifício verdadeiramente moderno em Campinas podendo ser considerado um marco na História Arquitetura Brasileira.



**Figura 18:** Final da obra do Edifício Itatiaia e sua implantação com relação ao centro de Campinas. A fachada plana volta-se para a Praça Carlos Gomes e a curva para o centro da cidade. Ver figura 4. Fonte : Coleção B 32 – Acervo Museu da Imagem e do Som de Campinas.

**Figura 19:** Edifício Itatiaia concluído, ao lado do Clube Semanal de Cultura Artística (em obras) e do Edifício Roque de Marco, ambos de autoria do arquiteto Charles Victor (autor do 1º estudo para o Edifício Itatiaia) – início da década de 1960. Fonte: Coleção BMC 147 – Acervo Museu da Imagem e do Som de Campinas.

